

## Capítulo 12

### Línguas da Amazônia: Dimensões da diversidade

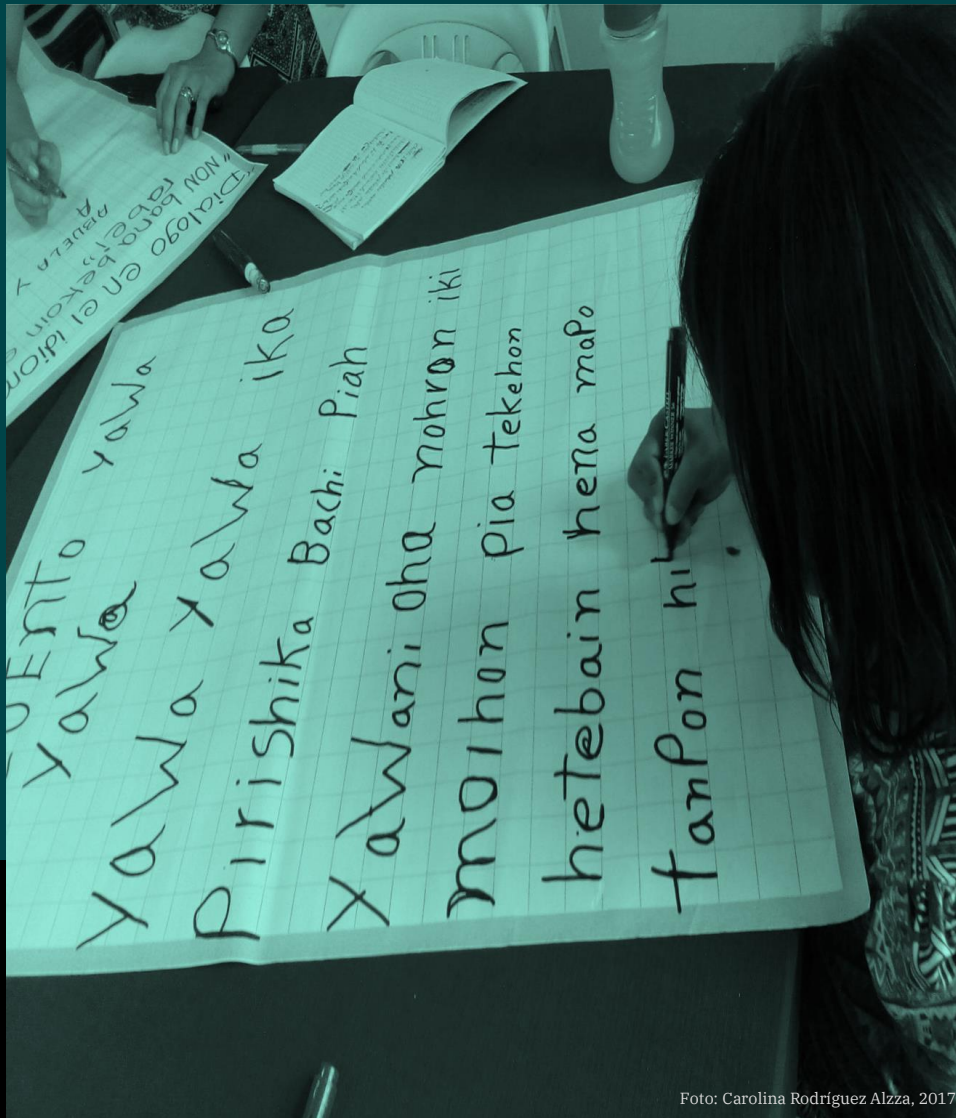


Foto: Carolina Rodríguez Alzaa, 2017

## Sobre o Painel Científico para a Amazônia (SPA)

O Painel Científico para a Amazônia é uma iniciativa inédita convocada sob os auspícios da Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (SDSN). O SPA é composto por mais de 200 cientistas e pesquisadores proeminentes dos oito países amazônicos, da Guiana Francesa e de parceiros globais. Esses especialistas se reuniram para debater, analisar e reunir o conhecimento acumulado da comunidade científica, dos Povos Indígenas e de outros atores que vivem e trabalham na Amazônia.

O Painel é inspirado no Pacto de Letícia pela Amazônia. Este é um relatório inédito que fornece uma avaliação científica abrangente, objetiva, aberta, transparente, sistemática e rigorosa do estado dos ecossistemas da Amazônia, das tendências atuais e de suas implicações para o bem-estar, a longo prazo, da região, bem como oportunidades e opções políticas relevantes para a conservação e o desenvolvimento sustentável.

Relatório de Avaliação da Amazônia 2021, Copyright @ 2021, Painel Científico para a Amazônia. Traduzido do Inglês para o Português por Jens Munck, Carol Moraes, Brian Rodrigues, Eráclito Sousa Neto, Henrique Braz, Matheus Almeida, Valeria Gauz, Azevedo Ventura, Ane Alencar, Igor Arnaldo de Alencar, Leonardo Mueller Vilela de Carvalho, Lucas Dutra, and Nathália Nascimento. Este relatório é publicado sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não-Comercial – Compartilhamento pela mesma Licença 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). ISBN: 978-1-7348080-6-3

### Citação sugerida

van der Voort H, Rodríguez Alza C, Swanson TD, Crevels M. 2021. Capítulo 12: Línguas da Amazônia: Dimensões da diversidade. Em: Nobre C, Encalada A, Anderson E, Roca Alcazar FH, Bustamante M, Mena C, Peña-Claros M, Poveda G, Rodríguez JP, Saleska S, Trumbore S, Val AL, Villa Nova L, Abramovay R, Alencar A, Rodríguez Alza C, Armenteras D, Artaxo P, Athayde S, Barretto Filho HT, Barlow J, Berenguer E, Bortolotto F, Costa FA, Costa MH, Cuvi N, Fearnside PM, Ferreira J, Flores BM, Frieler S, Gatti LV, Guayasamin JM, Hecht S, Hirota M, Hoorn C, Josse C, Lapola DM, Larrea C, Larrea-Alcazar DM, Lehm Ardaya Z, Malhi Y, Marengo JA, Melack J, Moraes R M, Moutinho P, Murmis MR, Neves EG, Paez B, Painter L, Ramos A, Rosero-Peña MC, Schmink M, Sist P, ter Steege H, Val P, van der Voort H, Varese M, Zapata-Ríos G (Eds). Relatório de Avaliação da Amazônia 2021. Traduzido do Inglês para o Português por Henrique Braz. Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, Nova Iorque, EUA. Disponível em <https://www.aamazoniaquequeremos.org/pca-publicacoes/>. DOI: 10.55161/QVEF3231

## ÍNDICE

RESUMO GRÁFICO.....	2
MENSAGENS-CHAVE.....	3
RESUMO .....	3
12.1 INTRODUÇÃO.....	4
12.2 DIVERSIDADE LINGUÍSTICA .....	4
12.3 O SURGIMENTO DA DIVERSIDADE GENEALÓGICA DE LÍNGUAS .....	5
12.4 DIVERSIFICAÇÃO LINGUÍSTICA E MUDANÇA POR MEIO DO CONTATO .....	6
12.5 VARIAÇÃO DA LÍNGUA .....	9
12.6 VITALIDADE E RISCO DA LÍNGUA.....	9
12.7 POLÍTICAS OFICIAIS DE APOIO À MANUTENÇÃO DAS LÍNGUAS.....	12
12.8 DOCUMENTAÇÃO .....	13
12.9 MOTIVADORES DA MUDANÇA: ALGUNS EXEMPLOS .....	14
12.10 O QUE EXATAMENTE ESTÁ SENDO PERDIDO? ALGUNS EXEMPLOS.....	18
12.11 IMPORTÂNCIA DAS LÍNGUAS INDÍGENAS EM NOVOS CONTEXTOS .....	20
12.12 CONCLUSÕES.....	21
12.13 RECOMENDAÇÕES .....	21
12.14 AGRADECIMENTOS.....	22
12.15 REFERÊNCIAS.....	22

Resumo gráfico



Figura 12.A Resumo gráfico.

# Línguas da Amazônia: Dimensões da Diversidade

Hein van der Voort<sup>a\*</sup>, Carolina Rodríguez Alza<sup>b\*</sup>, Tod Dillon Swanson<sup>c</sup>, Mily Crevels<sup>d</sup>

## Mensagens-chave

- Uma das dimensões mais importantes da diversidade linguística da região amazônica é a sua diversidade genealógica. Com relação às famílias linguísticas e línguas isoladas, a Amazônia é uma das partes mais ricas do mundo, e essa diversidade é, possivelmente não por coincidência, espelhada pela biodiversidade amazônica. A maioria das línguas amazônicas está em perigo de extinção, enquanto poucas foram suficientemente documentadas e estudadas.
- Cada língua representa a herança de séculos de criatividade cultural e intelectual que possui valor científico e cultural para a humanidade na totalidade. Com a perda de cada cultura e de cada língua, perdemos uma forma alternativa e possivelmente única, desenvolvida ao longo de muitos séculos, de compreender o mundo.
- Todas as línguas e culturas estão permanentemente sujeitas a mudanças e todas são capazes de se adaptar a novas circunstâncias. No entanto, desde a chegada dos europeus, há cinco séculos, a região amazônica perdeu 75% de suas línguas (Aikhenvald 2012, Rodrigues 1993). O desaparecimento da diversidade linguística na Amazônia, a desintegração das sociedades indígenas, a extinção de espécies biológicas e a destruição dos ecossistemas amazônicos são partes do mesmo problema.
- Componentes importantes para prevenir a extinção de línguas são a valorização dos falantes por meio do reconhecimento dos direitos indígenas, a proteção das terras indígenas e alternativas econômicas sustentáveis ao desmatamento descontrolado e à prospecção mineral. A promoção ativa dos direitos linguísticos pelos governos dos países amazônicos é uma medida relevante para desacelerar a perda de línguas.
- Os próprios povos indígenas estão aproveitando a crescente conectividade em toda a Amazônia e estão desenvolvendo soluções usando a língua de novas formas, como nas mídias sociais, nas quais os jovens falantes participam sem que se sintam estigmatizados e promovem a documentação e revitalização de suas línguas.

## Resumo

Este capítulo é sobre a extraordinária diversidade linguística indígena da região amazônica. Essa diversidade é apresentada em termos de suas diferentes dimensões: a existência de um número relativamente grande de línguas na região; como essas línguas estão relacionadas entre si, representando uma impressionante diversidade genealógica; sua distribuição geográfica em diferentes sub-regiões amazônicas; os efeitos do contato linguístico que resultaram em diversas áreas linguísticas; os diferentes níveis de ameaça e as diferentes circunstâncias sociais que contribuem para isso; e, por fim, o que é perdido quando as línguas desaparecem. A perda da diversidade linguística ocasiona o desaparecimento dos sistemas de conhecimento indígena sobre o meio ambiente e a organização social e se compara à perda de biodiversidade.

*Palavras-chave: Línguas amazônicas, diversidade linguística, vitalidade linguística, línguas ameaçadas, motivadores da mudança*

---

<sup>a</sup> Museu Paraense Emílio Goeldi, Av. Magalhães Barata 376, Belém 66040-170, Brazil, hvoort@museu-goeldi.br

<sup>b</sup> Pontificia Universidad Católica del Perú, Av. Universitaria 1801, San Miguel Lima 32, Peru, carolina.rodriguez@pucp.edu.pe

<sup>c</sup> Arizona State University, 1151 S Forest Ave, Tempe AZ 85281, United States

<sup>d</sup> Universiteit Leiden, 2311 EZ Leiden, The Netherlands

## 12.1 Introdução

Este capítulo apresenta as dimensões que fazem da região amazônica um lugar de extraordinária diversidade linguística. Os primeiros relatos dos colonizadores europeus, missionários, viajantes, aventureiros e cientistas mencionaram a notável variedade de línguas faladas pelos diversos povos da região. Eles também ressaltaram o fato que essas línguas pareciam ser radicalmente diferentes umas das outras. O número de línguas que eram faladas naquela época excede em muito as mais de 300 línguas contabilizadas atualmente. Essas línguas remanescentes são classificadas em cerca de 50 famílias linguísticas e línguas isoladas, assemelhando-se a uma colcha de retalhos quando indicadas por cores em um mapa (Figura 12.1).

As pesquisas linguísticas têm refinado cada vez mais nossa compreensão dessa diversidade, não apenas em relação à classificação genealógica, traços de contato e características tipológicas. As línguas também diferem devido a fatores históricos, sociais e culturais. Além disso, na atual conjuntura, as línguas diferem visivelmente em relação aos níveis de vitalidade. Enquanto algumas línguas desfrutam de um alto grau de vitalidade e podem contar com o apoio de políticas linguísticas nacionais e locais, outras estão em sério risco de extinção. No entanto, todas as línguas amazônicas podem ser consideradas em algum grau de perigo, devido às pressões das sociedades nacionais e globais. A perda contínua da diversidade linguística envolve o desaparecimento dos sistemas de conhecimento indígena sobre o meio ambiente e a organização social e se compara à perda de biodiversidade.

## 12.2 Diversidade linguística

Apesar da dificuldade em estabelecer o número exato de línguas diferentes faladas no planeta, os linguistas concordam que são pelo menos 6.000. Algumas dessas línguas têm centenas de milhões de falantes, e 20 delas são faladas por cerca de metade da população mundial. Isso implica que todas as ou-

tras línguas são faladas pela outra metade da humanidade. Além disso, estima-se que metade das mais de 6.000 línguas do mundo seja falada por não mais do que 0,2% da população mundial. A maioria dessas línguas está ameaçada em algum grau (Moseley ed. 2010).

A densidade de línguas não é distribuída uniformemente pelo globo. Em algumas regiões, poucas línguas são faladas, e em outras regiões, o número de línguas diferentes é extremo. Por exemplo, uma única língua inuíte é falada, em vários dialetos diferentes, ao longo da costa da Groenlândia, descendo do noroeste, contornando a ponta sul e subindo até o leste, cobrindo uma extensão de 4.000 quilômetros. Em contraste, na Nova Guiné, que tem aproximadamente metade do tamanho da Groenlândia, estima-se que sejam faladas 1.000 línguas diferentes. Em termos de números de línguas, a Nova Guiné é extremamente diversa.

A região amazônica também é altamente diversa linguisticamente em termos quantitativos. Estima-se que mais de 300 línguas indígenas sejam faladas na Amazônia atualmente. Esse número, no entanto, é uma fração das mais de 1.000 línguas que eram faladas quando os colonizadores europeus chegaram. Ao longo dos últimos cinco séculos, doenças exógenas, violência colonial, escravidão e desapropriação diminuíram as populações indígenas e, nesse processo, muitas línguas foram extintas. Embora as populações indígenas tenham aumentado nos últimos 50 anos, a maioria de suas línguas está em perigo de extinção.

Para estabelecer o que é perdido quando as línguas desaparecem e quais são as causas desse processo, teremos que explicar a natureza da diversidade linguística na Amazônia e de onde ela vem. Nos parágrafos acima, consideramos a diversidade linguística em termos de número de línguas. Há também outras maneiras de analisar a diversidade linguística, que estão relacionadas à forma como as línguas surgem e desaparecem novamente.

### 12.3 O surgimento da diversidade genealógica de línguas

Todas as línguas vivas mudam ao longo do tempo e, portanto, apresentam variações. A mudança da língua pode ser causada por diferentes fatores internos e externos. As línguas mudam ao longo do tempo, e é por isso que podemos ter dificuldade em entender os estágios iniciais de uma língua, conforme estabelecida na forma escrita séculos atrás ou, às vezes, até mesmo como faladas por nossos avós. Além disso, quando diferentes populações que falam a mesma língua vivem separadamente em locais geográficos distantes, desenvolvimentos linguísticos separados ao longo do tempo dão origem a variações contemporâneas da mesma língua, conhecidas como dialetos. Se tempo suficiente passar, digamos, mil anos, os dialetos podem se tornar tão diferentes a ponto de não serem mais mutuamente inteligíveis, podendo ser considerados línguas diferentes. Como essas línguas se originam de um ancestral comum, elas são consideradas genealogicamente relacionadas.

O surgimento de novos dialetos e línguas por meio da diversificação histórica resulta em famílias linguísticas. Um exemplo bem conhecido é a família de línguas românicas, que consiste em espanhol, francês, português, italiano e outras línguas, que se desenvolveu a partir de uma língua anterior conhecida como latim vulgar. Na verdade, as línguas românicas fazem parte de apenas um ramo de uma família maior e mais antiga, as línguas indo-europeias, que inclui o celta, o germânico, o eslavo, o indo-iraniano e outras famílias linguísticas. As centenas de línguas indo-europeias são, portanto, todas genealogicamente relacionadas. Existem várias famílias linguísticas muito grandes no mundo, como a família austronésica, a família nigero-congolesa e a família sino-tibetana. Três grandes famílias linguísticas estão amplamente representadas na região amazônica: Arawak, Caribe e Tupi.

Existem talvez 250 famílias linguísticas diferentes no mundo hoje, algumas das quais são muito pequenas, contendo apenas duas ou três línguas, muitas das quais são encontradas apenas na América do Sul. Algumas línguas são isoladas; elas não pertencem a nenhuma família conhecida e podem ser consideradas como famílias de uma única língua. Um exemplo europeu é o basco, que mesmo após séculos de pesquisa linguística não foi classificado em nenhuma família conhecida (mas veja Bakker 2020). Existem cerca de 125 línguas isoladas no mundo, e a região amazônica abriga um número desproporcional delas (Seifart e Hammarström 2018). Explicar esse alto número de isolados linguísticos representa um desafio para a linguística amazônica e áreas de pesquisa relacionadas.

A Tabela 12.1<sup>1</sup> mostra que a região amazônica tem um número relativamente baixo de línguas quando comparada a algumas outras regiões. No entanto, o número de famílias e línguas isoladas representadas por essas relativamente poucas línguas são muito altas. Em termos de unidades genealógicas, a diversidade linguística da Amazônia é bastante excepcional.

A Tabela 12.2<sup>2</sup> analisa mais profundamente essa diversidade, considerando cada país da bacia amazônica. Os números apresentados são aproximações grosseiras. A maioria das línguas pertence a uma das principais famílias linguísticas (Tupi, Arawak, Caribe, Macro-Jê). A literatura sobre essas famílias é vasta. Para uma visão geral, veja, por exemplo, Campbell e Grondona eds. (2012), Dixon e Aikhenvald eds. (1999), Epps e Michael eds. (em prep.).

A classificação das línguas em famílias requer uma pesquisa linguística comparativa histórica cuidadosa e depende de dados linguísticos descritivos confiáveis e bem analisados. Especialmente na Amazônia, esses dados nem sempre estão disponí-

<sup>1</sup> Baseado em Moseley (ed. 2010), Hammarström et al. (2021), Campbell (ed. 2018) e outros recursos gerais.

<sup>2</sup> Baseado em Crevels (2012) e Moore (2007).

**Tabela 12.1** Alguns indicadores da diversidade linguística<sup>1</sup>

	Línguas	Famílias	Isolados
<b>Mundo</b>	6,000+	250	125
<b>América do Norte</b>	400	35	20
<b>América do Sul</b>	500	45	40
<b>Amazônia</b>	300+	25	20
<b>Nova Guiné</b>	1,000+	50	20

**Tabela 12.2** Número de línguas, famílias e isolados na Amazônia<sup>2</sup>

País/território	Línguas	Famílias	Isolados
<b>Brasil</b>	120	14	7
<b>Bolívia</b>	34	11	8
<b>Colômbia</b>	49	13	6
<b>Ecuador</b>	9	4	2
<b>Guiana Francesa</b>	6	3	-
<b>Peru</b>	48	19	5
<b>Venezuela</b>	37	5	4

veis e, tendo em vista a situação de perigo da maioria das línguas amazônicas, os pesquisadores enfrentam uma corrida contra o tempo. A relevância científica da diversidade genealógica de línguas da Amazônia tem ramificações para outros campos da ciência, como a arqueologia.

A distribuição geográfica das famílias linguísticas pode ser mostrada em um mapa usando cores diferentes e pode ajudar a reconstruir padrões de demografia pré-históricas e migrações. A Figura 12.1 mostra a diversidade linguística da Amazônia.

Além disso, quanto maior a diversidade em uma família linguística em uma região específica, provável é que essa família linguística tenha se originado ali. Portanto, estima-se que o centro de origem da família linguística Tupi esteja na região de fronteira dos estados brasileiros de Mato Grosso e Rondônia

(Galucio et al. 2015). A classificação das línguas envolve a reconstrução de mudanças sonoras e palavras, como termos para cultura material e imaterial, tecnologia de subsistência e características da natureza e da paisagem. Portanto, a linguística comparativa pode nos ensinar não apenas sobre onde as pessoas viveram, mas também sobre como elas viveram (Campbell 1998).

A linguística comparativa também envolve estabelecer a profundidade temporal relativa entre línguas da mesma família. O método histórico comparativo pode olhar para o passado, talvez até 7.000 anos. Além disso, as línguas podem ter mudado tanto que não é possível estabelecer qualquer relação familiar. Esse também é um dos fatores que podem explicar a existência de línguas isoladas. Outra possível explicação de línguas isoladas é que todas as outras línguas da mesma família tenham se extinguido.

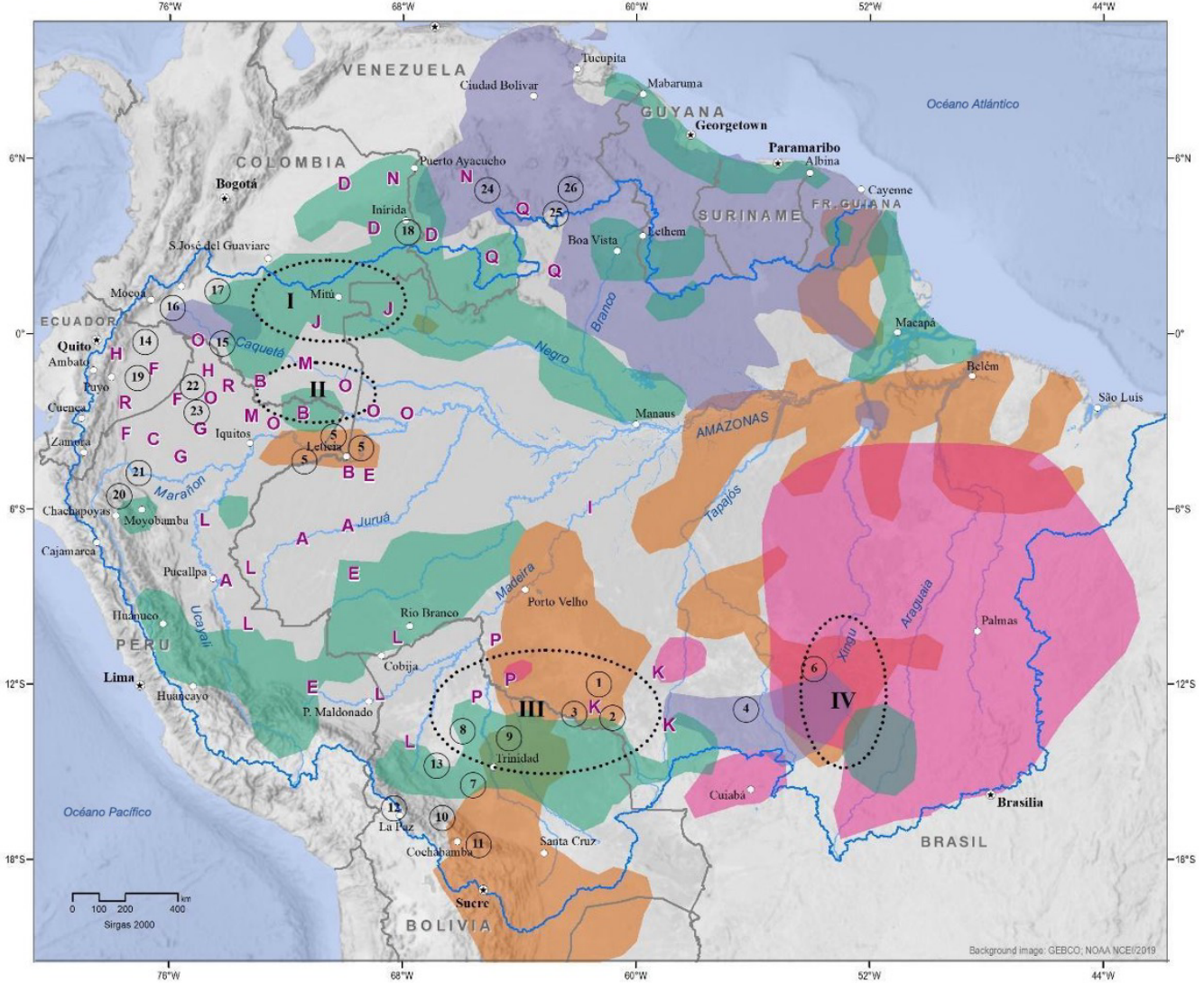
Com mais de 10 isolados linguísticos nas cabeceiras dos rios Guaporé e Mamoré, uma região do tamanho da Alemanha, o sudoeste amazônico abriga uma das maiores concentrações de isolados linguísticos do planeta.

Por definição, línguas isoladas não compartilham um ancestral comum com nenhuma outra língua conhecida e, portanto, são genealogicamente únicas. Consequentemente, seus vocabulários tendem a ser completamente diferentes e podem apresentar propriedades estruturais que nunca foram atestadas para qualquer outra língua. Por outro lado, o fato de qualquer língua, incluindo as isoladas, também compartilhar propriedades com outras línguas também pode ser resultado do contato de línguas ou apontar para traços, tendências ou limites são universais na linguagem humana. Portanto, a pesquisa das estruturas gramaticais de todas as línguas não são apenas relevante para o estudo tipológico das línguas, mas também pode ter grande importância para o estudo da cognição e do cérebro humano.

#### **12.4 Diversificação linguística e mudança por meio do contato**



DIVERSIDAD LINGÜÍSTICA DEL AMAZONAS



SPA, 2021

- Cuenca del Amazonas
- Frontera nacional
- Capital nacional
- Principales ciudades

Fuentes: basado en Crevels (2012), Hammarström et al. (2021), Moore (2007) (familias lingüísticas); RAISG (límites de referencia, ciudades); WCS (Nueva clasificación cuenca del Amazonas)

Lenguas Aislantes

- |                      |                            |
|----------------------|----------------------------|
| 1 Aikanã             | 14 Cofán                   |
| 2 Kwaza              | 15 Andoque                 |
| 3 Kanoé              | 16 Kamsá                   |
| 4 Iranxe / Mynky     | 17 Tinigua                 |
| 5 Ticuna             | 18 Wãnsöhöt / Puinave      |
| 6 Trumai             | 19 Wão Tededo              |
| 7 Canichana          | 20 Muniche                 |
| 8 Cayubaba           | 21 Urarina                 |
| 9 Itonama            | 22 Aewa / Vacacocha        |
| 10 Mosetén / Tsimane | 23 Taushiro                |
| 11 Yurakare          | 24 Hodí / Joti             |
| 12 Leko              | 25 Uruak / Awaké / Arutani |
| 13 Movima            | 26 Sapé / Kaliana          |

Familia lingüística menor

- |                       |                  |
|-----------------------|------------------|
| A Arawako             | J Naduhu         |
| B Bora-Huitotoan      | K Nambikwaran    |
| C Candoshi-Shapra     | L Pano-Tacanas   |
| D Guahibo             | M Peba-Yaguan    |
| E Harakmbut-Katukinan | N Saliva-Piaroan |
| F Jivaroano           | O Tucanoana      |
| G Kawapanan           | P Txapakuran     |
| H Kichwa              | Q Yanomaman      |
| I Muran               | R Zaparoanas     |

Familia lingüística mayor

- Arawaka
- Cariban
- Macro-Jean
- Tupian

Áreas lingüísticas

- I Alto Río Negro
- II Caquetá-Putumayo
- III Guaporé-Mamoré
- IV Alto Xingu

Figura 12.1 Diversidade linguística da Amazônia. Fontes: Crevels (2012), Hammarström et al. (2021), Moore (2007), RAISG (2020), Venticinque et al. (2016).

As línguas podem mudar por meio do contato com outras línguas. O contato linguístico ocorre em situações de bilinguismo ou multilinguismo, ou quando pessoas que não falam a língua umas das outras estão em contato (Thomason 2001; Winford 2003). Os principais indicadores de contato linguístico são os empréstimos de palavras, mas as línguas também podem sofrer influência em seus sistemas de som e em sua gramática. Devido ao contato, as línguas podem apresentar semelhanças específicas com outras línguas, mesmo que não sejam genealogicamente relacionadas. Um dos desafios da linguística comparativa reside em distinguir o sinal de contato do sinal genealógico (Campbell 1998). Os vestígios de contato linguístico e o conhecimento sobre a direcionalidade da influência linguística podem ser altamente relevantes para nossa compreensão das relações culturais, sociais e comerciais presentes e passadas entre as populações.

O contato linguístico pode levar ao surgimento de novas línguas. Quando diferentes grupos não entendem as línguas uns dos outros, eles podem criar uma linguagem gramaticalmente simplificada com um vocabulário limitado, conhecida como pidgin. As línguas pidgin não são faladas como língua materna e são usadas em contextos específicos, como para fins comerciais. Em situações mais profundas ou dramáticas de contato intercultural, uma língua pidgin pode ser a única língua disponível para a nova geração e resultar em uma nova língua é falada como primeira língua. No contexto do tráfico atlântico de escravos, surgiram muitas línguas crioulas; estas são línguas com um léxico que tende a se originar das línguas dominantes envolvidas no contato e uma gramática que não pode ser rastreada até nenhuma língua específica, mas que pode refletir traços universais. Um exemplo amazônico de uma língua crioula é o *kheuól*, que se baseia no léxico francês e é falado pelos povos indígenas Karipuna do Amapá e Galibi-Marworno (Ferreira e Alleyne 2007).

Outro tipo de nova língua é uma língua mista entrelaçada ou bilíngue. Essa língua pode surgir em circunstâncias sociais raras, quando um novo grupo étnico emerge de dois grupos étnicos diferentes e

sente a necessidade de ter uma língua própria. Essas línguas mistas tendem a ser compostas pelos componentes gramaticais e lexicais das línguas contribuintes. Um exemplo indígena sul-americano é o caribe insular, que é uma língua com estrutura gramatical arawak e léxico caribe que surgiu quando homens que falavam caribe massacraram os homens de um grupo que falava arawak e se casaram com suas mulheres. Seus filhos adquiriram a gramática de suas mães e o léxico de seus pais (Hoff 1994).

Pidgins, crioulos e línguas mistas não podem ser classificados satisfatoriamente em famílias, pois não têm um único ancestral claro. Crioulos e línguas mistas são muito raros na região amazônica. No entanto, tais línguas são faladas nativamente e passam por processos de mudança linguística ao longo do tempo como qualquer outra língua. Portanto, não se pode excluir a possibilidade de que certas famílias ou isolados de línguas amazônicas conhecidas tenham começado como crioulas ou línguas mistas há muitos séculos. Quase não existe documentação e pesquisa sobre as línguas pidgin indígenas amazônicas. Uma explicação para a relativa ausência de novas línguas induzidas pelo contato na Amazônia combina a enorme diversidade de línguas de certas regiões com tradições generalizadas de multilinguismo.

Situações de contato linguístico de longo prazo e multilinguismo em uma região específica podem resultar na difusão de traços lexicais, fonológicos e gramaticais entre as línguas, independentemente de sua classificação genealógica (Hickey ed. 2017; Matras et al. 2006; Muysken ed. 2008). Ao longo do tempo, digamos, vários séculos, as línguas envolvidas podem vir a se assemelhar e formar a chamada área linguística ou Sprachbund. Um exemplo clássico é a região dos Bálcãs, onde as línguas eslava, albanesa, romena, turca, romani e grega têm certos traços em comum que são desconhecidos entre outras línguas eslavas, românicas e turcas fora da região. A região amazônica contém várias áreas linguísticas (indicadas em círculos pontilhados na Figura 12.1). A mais famosa e marcante é a região do Alto Rio Negro, onde as línguas tucano, arawak, na-

duhup e kakua-nukak compartilham traços gramaticais que não são compartilhados com línguas genealogicamente relacionadas fora da região (Aikhenvald 2002; Epps e Stenzel eds. 2013; Epps e Michael 2017).

### 12.5 Variação da língua

Tanto a mudança histórica da língua quanto a mudança linguística induzida por contato são tipos de variação linguística. Na verdade, a variabilidade é uma característica importante de qualquer língua. O que geralmente é chamado de “língua” não é uma entidade claramente definível. Uma língua viva pode variar ao longo do tempo; por região; entre estratos sociais; conforme a ocupação, gênero ou idade; dependendo do público, etc. A documentação e a descrição das línguas europeias amplamente faladas, como o espanhol, o inglês ou o alemão, cobrem centenas de anos de variação social, regional e de outros tipos. O estudo dessas línguas ocupa grandes porções de arquivos e bibliotecas e resulta em muitos livros novos e projetos digitais a cada ano. O contraste com as línguas amazônicas não poderia ser maior. Temos sorte se uma língua amazônica pode se orgulhar de uma única descrição gramatical abrangente, e muitas línguas amazônicas não estão documentadas. No entanto, as línguas amazônicas são tão ricas e variáveis quanto qualquer outra língua e, felizmente, a documentação e o estudo da variação dialetal, estilos de fala, uso especializado da língua e arte verbal estão começando a receber a atenção devida (e.g. Beier et al. 2002; Hildebrandt et al. 2017).

Exemplos concretos incluem a língua hup (nadhup) da fronteira Brasil-Colômbia, que tem três áreas dialetais onde a pronúncia, o significado das palavras e a gramática podem diferir. As línguas mondé (Tupi) dos grupos étnicos Zoró, Cinta Larga, Gavião e Aruá do Brasil são, na verdade, diferentes dialetos da mesma língua. Eles são mutuamente inteligíveis, mesmo que cada grupo possa insistir que o outro grupo “fala de forma diferente”. Várias línguas amazônicas têm variedades de fala separadas para homens e mulheres. Em kukama-kukamiria

(possivelmente um tupi-guarani criouliizado) do Peru e da Colômbia, por exemplo, homens e mulheres usam pronomes pessoais diferentes. Muitos grupos indígenas, por exemplo, os Yanomami do Brasil e da Venezuela, os Kalapalo (Caribe) do Brasil e os Nanti (Arawak) do Peru, realizam diálogos cerimoniais em rituais de saudação, contação de histórias, relatos de notícias e outras ocasiões especiais. Esses são apenas alguns exemplos da variação linguística na região amazônica. Um dos primeiros sinais de ameaça à língua é a perda dessa variação. Quanto mais uma população muda para outra língua, ou quanto mais seus costumes sociais estiverem sob pressão externa, menos possibilidades e oportunidades haverá para variações dialetais, sociais ou outras variações na língua original.

### 12.6 Vitalidade e risco da língua

Como mencionado acima, muitas línguas amazônicas foram extintas nos últimos séculos. As línguas podem se tornar obsoletas e desaparecer de diferentes maneiras. Isso pode acontecer quando as línguas mudam em um processo histórico gradual. Alternativamente, as pessoas podem abandonar sua língua nativa e mudar para outra língua existente, geralmente por razões econômicas, políticas ou outras. As línguas também podem se extinguir quando seus falantes morrem, por exemplo, devido a desastres naturais ou genocídio.

O surgimento e a extinção de línguas podem ser considerados como um processo natural que sempre existiu. No entanto, desde o início da colonização europeia no século XV, o ciclo foi definitivamente quebrado e muito mais línguas estão se extinguindo do que novas línguas surgindo. Durante o último século, esse processo até se acelerou. Isso tem levado a um declínio dramático da diversidade linguística e da herança cultural e histórica imaterial nela contida.

No entanto, muitas línguas na Bacia Amazônica sobrevivem até hoje. Até 200 grupos indígenas isolados ou recentemente contactados (CIDH 2013; Loebens e Neves eds. 2011; Ricardo e Gongora eds.

**Tabela 12.3** Fatores avaliativos para a vitalidade da língua (UNESCO 2003)

Fator	Característica
1	Transmissão intergeracional da língua
2	Número absoluto de falantes
3	Proporção de falantes na população total
4	Mudanças nos domínios do uso da língua
5	Resposta a novos domínios e mídias
6	Disponibilidade de materiais para ensino de línguas e alfabetização
7	Atitudes e políticas linguísticas, governamentais e institucionais, incluindo status oficial e uso
8	Atitudes dos membros da comunidade em relação à sua própria língua
9	Tipo e qualidade da documentação

**Tabela 12.4** Representação proporcional (5%) da situação de ameaça das línguas amazônicas (parcialmente adaptada de Crevels 2012)

LÍNGUA	FAMÍLIA	PAÍS	POPULAÇÃO	FALANTES	NÍVEL DE PERIGO
<b>Cayubaba</b>	ISOLADA	BO	1,424	< 2	crítico
<b>Záparo</b>	ZÁPARO	EC	346	2	
<b>Kanoé</b>	ISOLADA	BR	310	4	
<b>Akuriyó</b>	CARIBE	SU	50	3	
<b>Latundê</b>	NAMBIKWARA	BR	22	18	severo
<b>Pisamira</b>	TUCANA	CO	61	25	
<b>Lokono</b>	ARAWAK	GY/GF/VE/SU	19,500	2,500	
<b>Miranha</b>	WITOTO	CO	715	<100	
<b>Machiguenga</b>	ARAWAK	PE	11,238	5,000	em perigo
<b>Cavineña</b>	TACANA	BO	2,005	601	
<b>Rikbaktsa</b>	MACRO-JÊ	BR	1,323	1,085	
<b>Shiwiar</b>	JÍVARO	EC	1,198	942	
<b>Emérillon</b>	TUPI	GF	400	400	
<b>Kuiva</b>	GUAHIBO	CO/VE	1,840	1,840	
<b>Matsés</b>	PANO	PE/BR	6,500	6,500	
<b>Tikuna</b>	ISOLADA	BR/CO/PE	50,000	50,000	relativamente seguro

2019) continuam a falar suas línguas. Grupos indígenas amazônicos lutam para manter suas línguas dentro e fora de seus próprios territórios. Nas cidades, por exemplo, a língua nacional é dominante e o uso das línguas indígenas é frequentemente estigmatizado. O desenvolvimento de políticas linguísticas pode neutralizar o preconceito e apoiar o uso das línguas indígenas como um direito fundamental. Essas políticas podem encorajar as pessoas a falarem sua língua local. No entanto, fatores socioeconômicos podem diminuir o impacto de tais políticas.

Existem diferentes propostas para medir o grau de ameaça ou vitalidade de uma língua (Wurm ed. 1996; Krauss 2007; Brenzinger 2007; Moseley 2009; Lewis e Simons 2010; Campbell 2017; Hammarström et al. 2018; Lee e Van Way 2018). A maioria deles criou categorias para diferentes graus de ameaça, como vital, vulnerável, em perigo e criticamente ameaçada.

A avaliação do perigo para cada uma das 2.464 línguas incluídas no Atlas da UNESCO das línguas ameaçadas do mundo (Moseley ed. 2010) foi baseada em nove fatores avaliativos de vitalidade linguística. Esses fatores, listados na Tabela 12.3, foram estabelecidos por um grupo ad hoc de linguistas especialistas da UNESCO (2003).

O número de falantes (Fator 2) e sua proporção em relação à população total (Fator 3) são critérios importantes para avaliar a vitalidade da língua. Infelizmente, esses números muitas vezes não são claramente especificados, o que pode levar a confusão e números não confiáveis, conforme observado por Moore (2007). O povo Yawalapiti do Brasil compreende 262 indivíduos, enquanto o povo Ocaina do Peru soma apenas 150. No entanto, a língua Yawalapiti tem no máximo 5 falantes (Troncarelli e Viveiros de Castro 2021), enquanto cerca de 50 pessoas falam a língua Ocaina (Crevels 2012). Isso significa que apenas 2% da população Yawalapiti fala a língua, enquanto 33% da população Ocaina fala a língua.

Além do número de falantes, a avaliação da vitalidade da língua também deve incluir outros fatores.

A transmissão de uma língua entre gerações (Fator 1) é um componente crucial. Uma língua com mil falantes não é necessariamente uma língua vital se seus falantes estiverem limitados às gerações mais velhas, com poucos ou nenhum jovem falante. Interrupções na transmissão para a próxima geração geralmente resultam da opressão crônica das populações indígenas e da estigmatização de suas línguas. Uma consequência da ruptura com a herança linguística é a perda do conhecimento histórico, social, cultural e ambiental dos falantes mais antigos. Algumas das razões pelas quais as gerações mais jovens preferem aprender as principais línguas nacionais em vez das línguas indígenas serão discutidas nas seções abaixo.

Todas as línguas amazônicas estão ameaçadas de extinção gradualmente. Talvez apenas 20 das mais de 300 línguas amazônicas possam ser consideradas relativamente seguras em termos dos graus de ameaça distinguidos pela UNESCO (veja Moseley 2012). Cerca de 150 línguas estão ameaçadas (variando de vulneráveis a definitivamente ameaçadas), cerca de 75 estão seriamente ameaçadas e nada menos que 75 estão criticamente ameaçadas. A Tabela 12.4 tenciona ser uma amostra ilustrativa de 16 línguas amazônicas distribuídas proporcionalmente nos diferentes graus de ameaça.

As populações amazônicas sempre fizeram parte de extensas redes sociais. A coexistência e o compartilhamento de atividades sociais, como rituais, festividades e casamentos mistos, incentivaram as pessoas a aprenderem mais de uma língua. O “Povo do Centro” colombiano representa um complexo cultural no qual convergem sete grupos etnolinguísticos, falantes de diferentes línguas de três famílias linguísticas e uma isolada: Murui-Muina, Ocaina e Nonuya (Witoto), Bora-Miraña, Muinane (Bora), Resígaro (Arawak) e Andoque (isolada). Apesar das diferenças linguísticas, a comunicação é possível graças a um contexto sociocultural comum subjacente às tradições orais (heróis míticos, gêneros discursivos similares). Em cerimônias ou festivais de cura, por exemplo, cada comunidade usa sua própria língua; o sucesso da comunicação reside no conhecimento mútuo, ativo ou passivo, parcial-

mente sustentado por casamentos e alianças inter-étnicas. O contato crescente com a sociedade ocidental também tem motivado as pessoas a aprenderem línguas nacionais, como o espanhol ou o português. No entanto, parte da população ainda é monolíngue em uma língua indígena, especialmente aquelas pertencentes às gerações mais velhas. Jovens e adultos frequentemente são bilíngues ou mesmo multilíngues.

Apesar do multilinguismo que caracteriza muitas populações amazônicas, as línguas indígenas são progressivamente usadas em menos domínios (Fator 4). Dependendo do contexto particular, isso pode ser devido a uma ideologia linguística que associa as línguas indígenas a um baixo nível educacional, pobreza ou ruralidade, e línguas nacionais com desenvolvimento social, cultural e econômico. Isso promove a discriminação e a vergonha dos falantes das línguas locais, levando-os a evitar falar sua língua em público, por exemplo. Além disso, os domínios linguísticos dominantes de oportunidades de trabalho e avanço socioeconômico motivam a mudança para uma língua nacional ou global. Por qualquer um desses motivos, falar uma ou várias línguas indígenas, não é visto como uma vantagem (Fator 8), e essas línguas podem perder domínios de uso.

Apesar de tais tendências e atitudes adversas, os próprios povos indígenas estão cada vez mais preocupados com a situação difícil de suas línguas e es-

ão demandando políticas efetivas para proteger seus direitos linguísticos. É um acontecimento esperançoso que eles estejam se organizando em nível nacional e internacional para reverter a tendência de perda de línguas. Os povos indígenas estão agora liderando iniciativas, como o Grupo de Trabalho Latino-Americano, que visa desenvolver estratégias no âmbito da proclamação das Nações Unidas do período de 2022-2032, como a Década Internacional das Línguas Indígenas.

### 12.7 Políticas oficiais de apoio à manutenção das línguas

Os governos tendem a ter políticas diferentes, dependendo se eles consideram a diversidade linguística como um problema ou um direito (Fator 7). Na Bolívia, as línguas indígenas são oficialmente reconhecidas em nível nacional por meio do Artigo 2 da Constituição. Da mesma forma, conforme as Constituições do Peru e da Colômbia, as línguas são oficialmente reconhecidas nos territórios onde são faladas. Outros países, como Equador e Venezuela, afirmam em suas Constituições que as línguas indígenas são oficiais para os grupos que as falam. Apenas a Bolívia exige por lei o uso de pelo menos duas línguas em suas atividades governamentais. Enquanto uma delas deve ser o espanhol, a outra pode ser uma língua indígena, conforme a conveniência. Em outros países amazônicos, o uso das línguas indígenas é oficialmente reconhecido apenas onde elas são

<b>País</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>
<b>Bolívia</b>	Constituição	2009
	Lei geral de direitos e políticas linguísticas (N° 269)	2012
<b>Brasil</b>	Constituição	1988
	Lei de Diretrizes e Bases da Educação (N° 9.394/96)	1996
	Inventário Nacional da Diversidade Linguística (N° 7.387/10)	2010
<b>Colômbia</b>	Constituição	1991
	Lei das línguas (N° 1.381)	2010
<b>Equador</b>	Constituição	2008
<b>Peru</b>	Constituição	1993
	Lei que regulamenta o uso, preservação, desenvolvimento, recuperação, promoção e disseminação das línguas originais do Peru (N° 29.735)	2011
<b>Venezuela</b>	Constituição	1999
	Lei das línguas indígenas	2008

Tabela 12.5 Leis selecionadas em relação às línguas indígenas

predominantes. No município brasileiro de São Gabriel da Cachoeira, as línguas nheengatú, baniwa e tucano têm status cooficial.

Como mostra a Tabela 12.5, alguns países amazônicos desenvolveram leis adicionais relacionadas às línguas indígenas. O Brasil inclui o direito constitucional de manter as línguas nativas e possui uma política de línguas em sua lei educacional. Nos últimos anos, o Equador abriu o debate sobre a relevância de se ter uma política linguística nacional. Além disso, organizações indígenas em toda a Amazônia empreenderam iniciativas para promover o reconhecimento de suas línguas como parte dos direitos indígenas.

No Peru, o Governo Territorial Autônomo das Nações Wampis declarou a necessidade de continuar transmitindo a língua wampis e garantir a educação nela. Apesar desses avanços, os falantes de línguas indígenas continuam a enfrentar severas dificuldades para usar sua língua em locais públicos ou quando tentam acessar serviços governamentais.

O ensino de línguas indígenas nas escolas é uma das estratégias de manutenção da língua apoiada por políticas em alguns países. Por volta de meados do século XX, os estados amazônicos começaram a desenvolver planos de educação bilíngue com a participação do evangélico Summer Institute of Linguistics (SIL). Após acordos oficiais com os estados e ministérios da educação, linguistas missionários do SIL foram enviados a vários países e estabeleceram bases próximas às terras indígenas. Um de seus métodos foi a colocação de professores indígenas para abrir escolas nas comunidades e começar a ensinar em sua própria língua, além da língua nacional. Posteriormente, os setores educacionais dos países amazônicos assumiram a responsabilidade pela educação indígena e pela criação de materiais pedagógicos. Por exemplo, no Equador, um sistema de educação intercultural bilíngue (DNEIB) foi criado em 1988. O governo peruano propôs estender a educação intercultural bilíngue às escolas secundárias em seu plano até 2021.

Os governos frequentemente não têm conhecimento detalhado sobre as línguas minoritárias faladas em seus países. Especialmente no que diz respeito às línguas indígenas, o acesso a informações confiáveis é difícil, se é que elas estão disponíveis. Quando o governo brasileiro percebeu que sua alta diversidade linguística representava um patrimônio cultural intangível, decidiu desenvolver uma política de proteção. Isso resultou em uma iniciativa para estabelecer um Inventário Nacional da Diversidade Linguística. Com a ajuda de linguistas profissionais, projetos-piloto foram iniciados com várias línguas, visando coletar informações linguísticas e etno-históricas básicas, o conhecimento detalhado da real situação sociolinguística de cada língua e das demandas dos falantes para a proteção e revitalização da língua (veja Galucio et al. 2018). O objetivo final de um inventário completo será uma base sólida para políticas linguísticas governamentais informadas.

## 12.8 Documentação

Todas as línguas amazônicas continuam ameaçadas em algum grau. Portanto, a documentação e a descrição profissional das línguas são de extrema importância (Fator 9). Uma descrição de uma língua deve consistir, pelo menos, em uma gramática abrangente, um dicionário e uma coleção de textos. Na década de 1990, o alarme internacional sobre a crise global de extinção de línguas fez com que os linguistas intensificassem os esforços para documentar as línguas. Na virada do século, a documentação havia se tornado uma subdisciplina da linguística. Isso foi ainda mais incentivado pela revolução digital que criou a internet e que possibilitou o registro audiovisual de alta qualidade, utilizando equipamentos de campo altamente portáteis e disponíveis a custos relativamente baixos. A documentação linguística moderna consiste em criar um registro arquivístico abrangente e permanente de uma língua usada em diferentes contextos sociais e culturais, representando o mais amplamente possível uma gama de diferentes variedades e tipos de discurso (Gippert et al. 2006; Woodbury 2003). Nas últimas décadas, vários programas de documentação de línguas e culturas locais e internacionais apoiaram



projetos na Amazônia, e um número considerável de línguas possui registros audiovisuais substanciais em arquivos digitais online devidamente catalogados na Europa, Estados Unidos e Brasil. Tal material pode ser utilizado como base para material pedagógico e tem o potencial de alimentar esforços de revitalização linguística. Alguns dos problemas complexos envolvidos nos arquivos de línguas indígenas incluem acessibilidade online, direitos diferenciados de uso e questões de privacidade (Seyfeddinipur et al. 2019). Apesar desses desenvolvimentos, a maioria das línguas amazônicas ainda carece de descrição e documentação adequadas, embora essa seja frequentemente uma das principais demandas dos grupos indígenas em relação à língua (Galucio et al. 2018). Como a experiência mostra, a documentação tende a ser desesperadamente procurada depois que uma língua desaparece. Uma das soluções possíveis seria criar centros regionais de documentação e arquivos de línguas, onde os povos indígenas possam desenvolver suas próprias iniciativas de documentação.

### 12.9 Motivadores da mudança: Alguns exemplos

Embora a mudança seja natural, a região amazônica está perdendo diversidade linguística em um ritmo alarmante e acelerado. Para entender como os motivadores dessa mudança operam, é útil lembrar que a vitalidade da língua requer uma massa crítica de falantes vivendo na mesma área, e que essa população deve ter confiança de que sua língua tem um futuro e que será um meio produtivo de sustento de seus filhos e bem-estar social de seus filhos. Os motivadores da mudança são fatores que podem ameaçar essas condições.

Os movimentos missionários cristãos, as epidemias e uma sucessão de surtos de extração (casarilha, quinino, borracha, peles de animais selvagens, petróleo e mineração) têm sido os principais motivadores da perda de línguas. Três movimentos religiosos, em particular, se destacam pela extensão de seu impacto: os jesuítas católicos (1600-1767), os salesianos católicos (1880-presente) e o protestante Summer Institute of Linguistics/Wycliffe Bible Translators (1945-1970). Apesar das diferenças, es-

ses grupos são semelhantes no sentido de que tinham políticas linguísticas bem desenvolvidas, estratégias pan-amazônicas, funcionavam como instituições (quase) governamentais e eram motivados pelo zelo cristão. De forma significativa, os jesuítas e o Summer Institute também acabaram sendo expulsos da região porque seu domínio sobre a população nativa excedia ou rivalizava com o do Estado.

Em 1668, o bispo Alonzo de la Peña Montenegro estabeleceu uma política linguística para os padres missionários que trabalhavam em todo o Reino de Quito, que na época incluía todas as reivindicações espanholas na Amazônia, em uma obra extensa intitulada *Itinerario para Parrachos de Indios*. Embora seus escritos digam respeito mais diretamente ao que hoje é o Equador e o Peru, eles tiveram implicações para a região mais ampla sob sua jurisdição. Nessa obra, o bispo determinou que todos os padres missionários deveriam aprender uma língua indígena (De La Peña Montenegro 1668: 21). Ao mesmo tempo, ele reconheceu que em algumas missões havia muitas línguas para um único padre aprender. Ele cita San Jose de Avila em um afluente do Rio Napo, onde oito línguas diferentes eram faladas. Como seria impossível aprender todas elas, ele determinou que uma língua regional deveria ser selecionada e ensinada aos falantes de línguas menores (De La Peña Montenegro 1668: 32).

A escolha dos jesuítas sobre qual idioma usar era baseada em parte em uma hierarquia moral fundamentada em suas crenças sobre as origens da diversidade linguística. Segundo o padre Bernardo Recio, uma primeira divisão em 60 línguas primárias “foi ordenada por Deus Nosso Senhor para o bem da raça humana” na Torre de Babel. Essas línguas correspondem às civilizações agrárias organizadas em aldeias governadas pela razão e pela lei natural que os jesuítas buscaram criar em suas reduções como precursoras de uma sociedade cristã convertida. Uma dessas línguas, de acordo com Recio, é a “língua do Inca”, que no dialeto de Quito é chamada “quíchua”. O quíchua, escreve ele, “é genuinamente, e por si, uma língua, e como raiz e fonte de muitas línguas, pode-se supor que estava entre as sessenta e duas da torre de Babel” Recio [1773] 1947: 413-



414)<sup>3</sup>. Embora o kichwa fosse apenas a língua das missões em certas áreas do oeste da Amazônia, a opinião exaltada de Recio sobre essa língua é indicativa das atitudes jesuítas mais amplas em relação às línguas comerciais que eles selecionaram. Em contraste, o que Recio chama de “a divisão muito estranha das línguas gentílicas” faladas pelos grupos menores de povos amazônicos não era, em sua opinião, obra de Deus, mas sim degenerações inspiradas pelo diabo, ou como ele colocou, aquele “inimigo da raça humana para tornar o remédio de sua saúde [a pregação do evangelho] mais difícil e até mesmo impossível” (Recio [1773] 1947: 465). Como tal, não se acreditava que essas línguas eram capazes de comunicação racional, civilizada ou moral e não deveriam ser preservadas. Era moralmente admissível capturar os falantes dessas línguas “para o próprio bem deles” e ensinar-lhes a língua racional e moral da missão.

Os indígenas amazônicos, é claro, não mudavam de línguas apenas para agradar aos jesuítas. O processo foi complexo. Jornais missionários desse período retratam uma região passando por grande mobilidade, com falantes de uma língua frequentemente se mudando para o território de outro grupo para escapar de epidemias ou invasores de escravos, às vezes deslocando grupos que viviam lá anteriormente. O colapso populacional combinado com a mobilidade levou provavelmente a casamentos entre pessoas que falavam línguas separadas e menores, mas compartilhavam uma língua comercial em comum. Embora os dados sejam limitados, parece claro que a ruptura colonial do período jesuíta levou à perda de muitas línguas menores. Das oito línguas que Peña Montenegro sabia que estavam presentes na missão de Avila no século XVII, apenas o kichwa permaneceu até o século XIX. Em tudo isso, a infraestrutura da missão jesuíta desempenhou um papel na determinação de quais línguas sobreviveram e passaram a ser vistas como línguas mais civilizadas ou cristãs. É importante notar que o beneficiário dessa redução da diversidade não foi o espanhol ou o português, mas sim as línguas nativas co-

merciais regionais, bem como um aumento na habilidade bilíngue nessas línguas. Em 1767, os jesuítas foram expulsos das colônias espanholas e portuguesas e as missões caíram no abandono.

Na década de 1880, o ciclo da borracha, que afetou tantos outros aspectos da vida amazônica, teve um grande impacto, resultando na expansão de algumas línguas e na extinção ou isolamento de muitas outras. A demanda internacional por borracha promoveu um aumento da força de trabalho indígena. Muitos índios foram reunidos em seringais onde viviam em situação precária de superlotação e falta de saneamento. Os capatazes invadiram comunidades indígenas e sequestraram jovens que cresceram trabalhando nos seringais. Outros indígenas chegaram às fábricas de borracha por meio de dívidas, variadamente chamados de *habilitación*, *repartos* ou *endeude*. Isso consistia em uma dívida que nunca poderia ser paga. Cansados do tratamento violento, muitos indígenas fugiram para a floresta e ficaram isolados novamente. Outros indígenas morreram devido às condições precárias em que viviam e à violência física. Dessa forma, povos indígenas, *fratrias*, *metades* e *clãs* foram dizimados ou fisicamente eliminados (e.g., os *Nonuya* e *Tinigua* na Colômbia), comprometendo assim o sistema de alianças matrimoniais e a transmissão de línguas.

Embora os jesuítas tenham sido expulsos, outras missões católicas continuaram, às vezes com efeitos devastadores sobre as culturas e sociedades indígenas. No final do século XIX, aldeias missionárias foram estabelecidas na região do Rio Negro. Grupos indígenas locais que fugiam dos abusos nos seringais foram aliciados ou forçados a se mudar para missões, onde eram proibidos de manter suas tradições religiosas e culturais. Com base em fontes publicadas, como *Nimuendajú* (1950) e *Hemming* (2003), bem como em entrevistas pessoais, *Epps* (2005) relata como as missões salesianas ganharam um controle cada vez maior da região durante a primeira metade do século XX. Uma das primeiras estratégias usadas para destruir os estilos de vida

<sup>3</sup> “Quichua” é a grafia colonial usada por Recio para a língua agora oficialmente escrita como “Kichwa” no Equador.

indígenas foi erradicar as casas comunais, demonizando-as como sujas, promíscuas e infernais. Além disso, elas fizeram campanha para ridicularizar e difamar as práticas xamânicas e destruíram ativamente objetos rituais e instrumentos musicais cerimoniais. Elas substituíram as tradições indígenas por rituais e doutrinas católicas. Inicialmente, os salesianos abordaram as línguas indígenas com desdém, mas depois viram que o uso de uma língua local seria vantajoso, promovendo a língua tucano, que então ganhou prestígio e domínio na região. Uma das táticas mais devastadoras e bem testadas usadas contra a língua e a cultura indígenas foram os internatos missionários, onde as gerações mais jovens foram alienadas de suas famílias e cultura, receberam punições corporais por falarem sua língua nativa e foram doutrinadas com a cultura e religião da missão (Epps 2005).

À medida que o século XX avançava, um motivador significativo da mudança linguística e cultural foi a conectividade acelerada das regiões de águas brancas anteriormente isoladas, como as cabeceiras dos afluentes no oeste da Amazônia, onde se encontra a maior concentração de famílias linguísticas e línguas isoladas. Na ausência de estradas e pistas de pouso, a geografia acidentada dessas áreas havia criado zonas de refúgio que limitavam o contato não apenas com o Estado, mas também entre as línguas indígenas. Os acontecimentos durante a Segunda Guerra Mundial começaram a romper esse isolamento. Na década de 1930, para atender às crescentes demandas da guerra, a Standard Oil no Peru e a Royal Dutch Shell no Equador construíram estradas e pistas de pouso para facilitar a extração no coração das áreas onde viviam grupos isolados. Uma dinâmica semelhante ocorreu em outros países. A necessidade de mão de obra indígena nessas indústrias trouxe grupos anteriormente isolados, que falavam línguas indígenas, para uma força de trabalho comum.

No período imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, o Summer Institute of Linguistics (SIL ou ILV por sua sigla em espanhol) firmou contratos com ministérios da educação em vários países amazônicos (Peru 1945, Equador 1952, Bolívia

1955, Brasil 1956, Colômbia 1962, Suriname 1967) (CEAS 1979). Sua missão era desenvolver sistematicamente ortografias para cada língua amazônica, traduzir a Bíblia para cada uma dessas línguas e ensinar os povos indígenas a lerem-nas. Para isso, criaram grandes acampamentos-base norte-americanos em Yarinacocha no Peru, Limoncocha no Equador, Loma Linda na Colômbia, Porto Velho no Brasil e Tumi Chucua na Bolívia. Consultores nativos de muitas línguas pequenas foram trazidos para residir nessas bases durante o ano letivo. Durante os meses de verão, os linguistas da SIL iam morar nas comunidades dos consultores. Para facilitar a viagem entre o grupo indígena e o acampamento-base, eles criaram pistas de pouso em locais remotos. Essa estratégia aumentou muito as comunicações entre os grupos linguísticos nas bases, bem como com o Estado.

A política linguística do SIL diferia da dos jesuítas de maneiras significativas. Baseando-se nos argumentos de Martin Luther e John Wycliffe para traduzir a Bíblia para o alemão e o inglês, eles argumentaram que a Bíblia poderia ser traduzida para qualquer língua sem perder nenhum significado considerável. Na prática, isso significava que, ao contrário dos jesuítas, que atribuíam maior valor moral às línguas regionais, eles viam todas as línguas como estruturas moralmente neutras e intercambiáveis. Na verdade, eles pareciam priorizar as línguas amazônicas mais remotas ou mesmo as não contatadas, como sua missão mais famosa entre os Wao Tededo (waurani) no Equador (Long 2019).

Além disso, o SIL tinha motivação religiosa para criar leitores alfabetizados em cada língua amazônica. Isso significava que eles criavam não apenas dicionários e gramáticas, mas também materiais didáticos em língua nativa para as séries 1-6. Eles também usaram suas bases amazônicas para treinar os primeiros professores bilíngues em muitas das línguas amazônicas, tudo isso fora do contexto da comunidade. O legado do SIL para línguas indígenas foi misto. Por um lado, a visibilidade e o prestígio das línguas menores foram elevados. Os contratos do SIL com os ministérios da educação deram a esses grupos linguísticos um contato mais di-

reto com o Estado, provavelmente retardando sua assimilação em favor das línguas regionais. Ao criar sistematicamente roteiros que se assemelhavam ao espanhol e ao português, eles facilitaram a integração bilíngue com o espanhol ou o português. No entanto, eles também deixaram para trás uma controvérsia persistente entre as escritas mais antigas, que se assemelham às línguas e escritas ibéricas, e aquelas adotadas por movimentos indígenas mais recentes que enfatizam a diferença. As pesquisas do SIL sobre a diversidade das línguas amazônicas aumentaram o número de línguas e dialetos reconhecidos. Eles também criaram o Ethnologue (Eberhard et al. 2021), no qual muitos dependem para estatísticas sobre a variedade e vitalidade das línguas amazônicas. Ao mesmo tempo, o SIL é uma organização missionária conservadora norte-americana dedicada a minar as práticas cerimoniais indígenas tradicionais, declarando-as demoníacas e convertendo grupos indígenas que ainda vivem em isolamento voluntário. Como essas práticas acabaram sendo vistas como incompatíveis com servir como um braço dos ministérios da educação em estados seculares, o SIL perdeu seus contratos em toda a região na década de 1980. No entanto, o SIL continua a representar um parceiro-chave em uma rede internacional de organizações evangélicas que são muito ativas no proselitismo religioso em toda a Amazônia.

À medida que a comunicação com áreas de línguas remotas se abriu na primeira metade do século XX, os falantes dessas línguas menores tornaram-se gradualmente mais integrados como membros votantes do Estado. O serviço militar nacional colocou jovens de diferentes grupos linguísticos em contato contínuo uns com os outros e ajudou a forjar uma identidade linguística comum como por exemplo, peruanos, brasileiros ou equatorianos que falavam a língua do Estado. Para as jovens mulheres durante esse período, muitas vezes era o casamento com um homem mestiço ou a experiência de trabalhar como empregada doméstica em uma cidade regional que proporcionava um contato contínuo com a língua nacional.

Nesses novos contextos, os pais da geração contemporânea frequentemente sofreram graves discriminações linguísticas, levando-os a incentivar seus filhos a falarem espanhol ou português para evitar sofrer o que eles haviam sofrido. As línguas do Estado não são as únicas beneficiárias da discriminação linguística. A conectividade acelerada também criou hierarquias entre as línguas nativas. Línguas menores e mais recentemente contatadas eram frequentemente vistas como atrasadas ou selvagens quando comparadas às línguas maiores e mais cosmopolitas das missões, como o kichwa ou a língua geral. Como resultado, as línguas nativas menores perderam falantes para línguas nativas maiores e estas para as línguas do Estado.

Talvez o maior fator de perda da língua, no entanto, seja uma mudança no tipo de emprego que os jovens aspiram. Como a perda de terras, o desmatamento e o esgotamento dos animais de caça dificultaram sustentar uma família em territórios indígenas, muitos procuram empregos fora, como trabalhos sazonais em campos de petróleo no Equador ou na agricultura. Para empregos administrativos, é necessária uma educação formal e, embora os governos de toda a Amazônia tenham se comprometido a fornecer educação na língua nativa, ainda existem sérias dificuldades. Por exemplo, muitas comunidades nativas são pequenas demais para atingir o limite do número de crianças necessário para tornar uma escola viável econômica ou administrativa e, muitas vezes, há escassez de professores qualificados dispostos a servir em áreas remotas. Como resultado, muitas famílias no Equador, Brasil e em outros lugares enviam seus filhos para escolas secundárias regionais, onde a língua de instrução é o português ou o espanhol. Consequentemente, essas línguas tendem a se tornar o meio preferido de comunicação social entre os adolescentes, além de exemplificar o tipo de discurso educado mais provável de levar ao emprego desejado. Quando combinados, esses domínios linguísticos representam o que muitos falantes percebem como a língua de um bom futuro. As crianças que frequentam essas escolas de ensino médio falam melhor o espanhol ou o português e podem conseguir empregos melhores do que

seus primos que permaneceram em suas comunidades sem frequentar o ensino médio. No entanto, com frequência, a expectativa de um futuro melhor acaba sendo uma miragem. Muitos jovens indígenas que concluíram o ensino médio são incapazes de continuar os estudos devido à pobreza, escolas de segundo grau abaixo do padrão, discriminação e ausência geral de bolsas de estudo. Muitos dominam a língua espanhola ou portuguesa sem receber as vantagens de um emprego no mercado nacional global. Como resultado, alguns se sentem alienados dos centros urbanos para onde migram sem um caminho viável para o retorno permanente às suas comunidades de origem.

Em contraste com o crescente prestígio das línguas globais, as línguas nativas tornam-se cada vez mais associadas a domínios de uso percebidos como tendo um futuro mais limitado. Por exemplo, as meninas podem associar sua língua nativa a ser uma experiente jardineira de mandioca ou fabricante de chicha. Os homens associam sua língua nativa a serem caçadores experientes. Embora essas habilidades costumassem tornar uma pessoa altamente desejável, o meio de vida que elas forneciam tornou-se menos sustentável. Como resultado, um número crescente de jovens deseja se casar com alguém com ensino médio ou superior e proficiente na língua do emprego profissional.

### **12.10 O que exatamente está sendo perdido? Alguns exemplos**

O que está sendo perdido quando línguas desaparecem? Esse é o tema de um livro maravilhoso do linguista Nicholas Evans (2010). Nesta seção, mencionaremos apenas alguns exemplos da Amazônia. É fácil subestimar a extensão da perda de línguas porque ela ocorre não apenas no número de falantes, mas também menos visivelmente nas funções, domínios e maneiras em que as línguas são usadas. O que realmente está sendo perdido? O trabalho mais amplo do SPA examina as ameaças à biodiversidade da região na totalidade. A perda da diversidade linguística está interligada à destruição ambiental e à perda mais ampla de espécies nos microambientes

onde as línguas são faladas. Os amazonenses frequentemente identificam suas línguas como a fala de um lugar específico, como “a fala do povo do Rio Pastaza”. Dentro dessa bacia hidrográfica, os falantes podem dividir ainda mais sua língua como a fala de um afluente menor. Acredita-se que essa língua tributária seja a fala não apenas das pessoas, mas também das plantas e animais locais, que se pensa terem falado essa língua antes de adquirirem seus corpos animais. Assim, as plantas e os animais locais são incluídos na linguagem do lugar como público, interlocutores, tropos e metáforas (Swanson e Reddekop 2017). Canções rituais são cantadas para pés de mandioca, queixadas ou macacos-barrigudos. Jogos de palavras humorísticos imitam seus sons. Marcadores sonoros simbólicos e evidenciais são usados para evocar sua presença na conversa. O canto dos pássaros, o vento e a água carregam canções de amor de esposas para maridos à distância. Mesmo onde os ambientes são semelhantes, as línguas distintas dos afluentes vizinhos envolvem o ambiente de maneira diferente. À medida que o desmatamento e a extinção local de animais aumentam, os lugares se tornam empobrecidos e as formas de fala que os engajavam desaparecem. Da mesma forma, quando as línguas desaparecem, também desaparece toda uma história de envolvimento cultural humano com esses lugares.

Um exemplo claro é a perda dos nomes de espécies. Esses nomes variam muito de um rio para outro e carregam uma riqueza de conhecimento. Por exemplo, nomes de pássaros frequentemente são representações onomatopeicas do som que essas espécies proferiram pela primeira vez ao serem transformadas de um estado humano anterior. Quando os nomes se perdem, também se perde essa referência às suas histórias de origem e história. Esses nomes também carregam consigo sistemas de relação e classificação biológica (Berlin, 2014). Em algumas línguas, as plantas têm nomes de animais que evocam relações simbióticas ou qualidades comportamentais complexas usadas na cura. Por exemplo, uma das espécies de antúrio é chamada de “folha de trompetista” em Kichwa, pois se assemelha à cauda de uma ave trompetista erguida em sua marcha.

Como a ave pisa alto ao marchar, a folha é aplicada como um cataplasma para curar as pernas de crianças com dificuldade para andar. Por meio do cataplasma, o comportamento da ave é transmitido à criança, não apenas pela semelhança na folha, mas também pelo nome da espécie. Quando se perde o nome da espécie vegetal, perde-se também a analogia comportamental com a ave, bem como seu uso na medicina. Relacionada a essas perdas está a relação distinta da Amazônia com a natureza embutida nas línguas nativas. Por exemplo, enquanto as línguas nativas usam os mesmos termos para retratar corpos animais e humanos, as línguas europeias incorporam ideias de superioridade humana em relação à natureza ao usarem termos separados para distinguir a qualidade cultural do corpo humano (mãos, unhas) daquela dos animais (inglês: paws, claws; espanhol: patas, garras) (Nuckolls e Swanson 2020: 71). Quando uma língua europeia substitui uma língua nativa, a relação distinta com a natureza que ela carregava também se perde. As línguas amazônicas estão tão inseridas em seus microambientes que a perda de espécies empobrece a diversidade linguística e vice-versa. Outra área de perda são os topônimos de rios e montanhas, que carregam consigo uma longa história de conhecimento geográfico local.

Com relação à conexão entre as línguas indígenas e o conhecimento dos usos medicinais das plantas na Amazônia ocidental, uma pesquisa recente de Cámara-Leret e Bascompte (2021) indica que esse conhecimento tende a ser linguisticamente específico. Em comparação com a América do Norte e a Nova Guiné, a “singularidade linguística” do uso medicinal de plantas pelos indígenas é maior na região amazônica; 91% do conhecimento sobre o uso medicinal de plantas está limitado a uma única língua específica. Em outras palavras, em 91% dos casos observados por Cámara-Leret e Bascompte, o uso medicinal de uma planta em particular não é compartilhado por falantes de línguas diferentes, mas exclusivo de uma língua e, portanto, também altamente específico culturalmente. A pesquisa mostrou que isso independe do nível de ameaça de uma planta ou língua específica ou a qual clado ou família linguística elas pertencem. No entanto, esse alto

grau de especificidade linguística do conhecimento indígena sobre plantas medicinais implica que, quando uma língua desaparece, esse conhecimento se perde para sempre.

Outra área importante de perda é a linguagem das relações sociais. As línguas amazônicas também ajudaram a manter a ordem e a coesão social por meio do uso de termos de parentesco, marcadores evidenciais que reconhecem a fala dos outros e elementos gramaticais que expressam delicadeza emocional, polidez e carinho. À medida que o ambiente social passou a incluir relações mais complexas com cidadãos não aparentados do Estado, essa linguagem de ternura e refinamento passou a soar inadequada, diminuiu e desapareceu. Com a perda de tais formas de expressão, sistemas inteiros de convívio que se desenvolveram ao longo dos séculos se perdem (Gow 2000). Por fim, o contato com outras línguas pode influenciar não apenas o vocabulário, mas também a gramática e o sistema sonoro de uma língua. Consequentemente, as línguas indígenas podem hoje em dia perder algumas de suas características mais distintivas por influência do espanhol ou do português. Por exemplo, a língua amazônica kichwa tende a favorecer mais os verbos e advérbios do que os substantivos. Embora o kichwa use um pequeno conjunto de raízes verbais, isso é amplificado por uma variedade impressionante de ideofones e gestos simbólicos sonoros que qualificam ainda mais os eventos expressos pelos verbos (Nuckolls 1996). Isso confere à língua uma capacidade altamente desenvolvida de evocação, ambiguidade, sutileza, multivalência e uso de perspectiva com nuances. Ao mesmo tempo, embora tenha possibilidades gramaticais impressionantes para a nominalização dos verbos, falta-lhe os substantivos abstratos hoje comuns em discursos técnicos, científicos e empresariais, bem como a ampla gama de verbos ilocucionários como “ameaçar”, “prometer”, “ordenar”, “concluir”, que facilitam a comunicação jurídica e técnica precisa nas línguas europeias (Nuckolls e Swanson 2018: 179). Por meio do contato contínuo com o ensino de línguas europeias, a língua nativa, especialmente de falantes mais jovens, pode sofrer a perda de certas distinções fonológicas específicas, como tom e laringealização, e distinções gramati-

cais, como marcadores evidenciais e de perspectiva. Por exemplo, o elaborado sistema de casos gramaticais usado pelos falantes mais velhos do Wao Tededo (isolados) no Equador está desaparecendo rapidamente na fala dos mais jovens. Pessoas mais jovens acostumadas a escrever também são muito menos propensas a usar os gestos e ideofones que caracterizavam a narração de histórias de seus anciãos.

### 12.11 Importância das línguas indígenas em novos contextos

Entre os muitos motivadores da mudança linguística, há também alguns que favorecem o florescimento das línguas nativas. Nos últimos anos, a Amazônia tem visto uma onda de conectividade por meio das mídias sociais, especialmente o Facebook e o WhatsApp. Muitos membros jovens, até de grupos remotos, agora têm contas. Na verdade, pode ser que quanto mais isoladas as comunidades, mais avidamente os jovens buscam a conectividade que essas mídias proporcionam. Embora as mídias sociais certamente estejam criando uma enxurrada de mensagens em línguas nacionais, elas também oferecem um novo fórum para línguas nativas. Considerando que a migração leva à perda de línguas ao retirar um domínio público onde uma língua indígena pode ser dominante e livre de discriminação, a mídia social contraria essa tendência ao criar novos espaços privados que podem conectar comunidades de falantes sem medo de discriminação. Além disso, como as mídias sociais são informais e não são usadas por monolíngues mais velhos, os falantes de línguas indígenas trocam mensagens de texto sem ter que se preocupar em misturar espanhol ou português, ou até mesmo mudar para essas línguas no meio da frase.

Outro motivador da mudança de língua combatido pelas mídias sociais é a hegemonia das línguas nacionais na transmissão de notícias, artes, entretenimento e esportes. Enquanto o custo e a licença governamental limitavam anteriormente o acesso dos nativos às ondas de rádio, emissoras nativas agora estão florescendo nas mídias sociais, evitando esses

controles. A maioria dos países amazônicos agora tem redes de comunicadores em línguas nativas ativos nas mídias sociais, mesmo em línguas menores como o wao tededo, secoya ou kofán no Equador. Em alguns casos, esses podem ser informais, mas também incluem vozes institucionais mais formais, como os diretores de comunicação das Nações Indígenas ou organizações. Um migrante Shipibo, por exemplo, agora pode sintonizar uma variedade de ofertas do Facebook com notícias esportivas locais, serviços religiosos, reuniões comunitárias, cerimônias e música tradicional, tudo transmitido em Shipibo por meio da Red de comunicadores indígenas del Perú, filial Ucayali, com nomes como Shipibo Communications e Radio TV digital Shipibo. Além disso, ativistas pan-indígenas na Amazônia ocidental agora costumam ter amigos no Facebook de grupos brasileiros tão distantes quanto o Xingu. Portanto, eles estão cientes do orgulho e da revitalização das línguas nativas em toda a Amazônia. Até certo ponto, as mídias sociais também estão combatendo a perda de formas mais antigas de línguas. Assim como agora existem cientistas cidadãos registrando contagens de espécies biológicas em telefones celulares, há também jovens cidadãos documentadores registrando histórias de origem de seus avós, canções ou outras formas de discurso ritual com telefones celulares e postando-os no YouTube, Vimeo ou Facebook. Embora inadequado para a documentação e a criação de um registro duradouro, as gravações e postagens com telefones celulares podem aumentar a conscientização sobre formas de discurso ameaçadas entre outros jovens ativistas que podem seguir o exemplo. Por fim, a internet abre novas avenidas importantes para o ensino de línguas indígenas nos territórios, limitando a migração. Por exemplo, escolas menores podem usar a educação a distância. Os vídeos do YouTube em línguas nativas gravados por idosos em comunidades vizinhas podem ser usados em aulas nas quais o professor pode ter conhecimento limitado da língua local.

Assim, embora a maioria dos motivadores de mudança associados à modernidade trabalhe para diminuir a diversidade linguística, há esperança de que

outros possam se opor a essas forças, fornecendo novos caminhos para sua preservação e revitalização.

### 12.12 Conclusões

Este capítulo apresenta um pouco da incrível diversidade das línguas amazônicas, sua vitalidade e sua vulnerabilidade à perda. A maioria da diversidade linguística da Amazônia está concentrada no oeste, com menos famílias de línguas no leste. Coincidentemente ou não, essa diferença corresponde aproximadamente às divisões geológicas, com a Amazônia ocidental cobrindo solos aluviais andinos mais jovens com maior biodiversidade, e a Amazônia oriental, solos mais antigos e intemperizados com menor biodiversidade. As notáveis correlações entre diversidade biológica e linguística são discutidas no Capítulo 10.

A diversidade linguística da Amazônia está altamente ameaçada, talvez até mais do que a biodiversidade. O desaparecimento acelerado das línguas pode ser atribuído a cinco séculos de colonização pelos europeus e seus descendentes, que trouxeram doenças, pobreza, violência e genocídio para as populações locais. A partir da década de 1970, os efeitos da globalização foram adicionados.

Cada língua representa a herança de séculos de criatividade cultural e intelectual que possui valor científico e cultural para a humanidade na totalidade. Com a perda de cada cultura e de cada língua, a humanidade perde mais uma alternativa e, possivelmente, uma forma única de compreender o mundo ao nosso redor. A sobrevivência de uma língua é interdependente da integridade de sua comunidade de falantes, que também está frequentemente ligada à proteção legal e ecológica de suas terras. Com a perda de uma língua, a sensação de ser um povo distinto com direito a um território é frequentemente enfraquecido. É difícil superestimar o que se perde quando uma língua amazônica desaparece.

Para combater essas perdas, os povos indígenas estão convocando linguistas para ajudá-los a docu-

mentar e codificar suas línguas por meio de registros audiovisuais, criação de ortografias e compilação de dicionários. Além disso, organizações indígenas em toda a região têm pressionado seus governos para garantir direitos e reconhecimento formal de suas línguas e para estabelecer programas de educação bilíngue. Isso tem resultado em um progresso substancial na obtenção de status legal e direitos de educação bilíngue, especialmente para as línguas maiores. No entanto, desafios preocupantes ainda permanecem. Muitas vezes, as políticas permanecem apenas no papel, com iniciativas para proteger as línguas indígenas muito mal financiadas e com falta de pessoal..

### 12.13 Recomendações

Para reverter a maré do desaparecimento da diversidade linguística amazônica, deve-se enfrentar os fatores que colocam em risco sua sobrevivência. Esta seção contém uma série de recomendações que são direta ou indiretamente benéficas para a manutenção das línguas na Amazônia.

- Censos nacionais confiáveis sobre línguas, população e número de falantes, níveis de proficiência e situação sociolinguística, conduzidos por linguistas profissionais, podem ajudar os governos a saberem quais idiomas existem e qual é sua situação. Tal conhecimento é essencial para políticas públicas e campanhas de conscientização.
- As comunidades indígenas devem ser consultadas sobre suas prioridades em relação às políticas linguísticas, e suas demandas devem ser atendidas.
- O bilinguismo ou multilinguismo deve ser valorizado e não considerado um obstáculo, tanto pela sociedade em geral quanto pelas próprias comunidades indígenas. Não é preciso abandonar sua língua nativa para aprender uma língua nacional.
- A educação indígena deve ser melhorada e material educacional de alta qualidade em línguas indígenas deve ser desenvolvido.

- O estudo profissional e a documentação das línguas indígenas devem ser apoiados pelos governos, pois os resultados desse trabalho também constituem uma base necessária para o desenvolvimento de materiais educacionais adequados e aumentam as chances de políticas públicas bem-sucedidas em relação às línguas.
- Os territórios indígenas devem ser protegidos contra a degradação ecológica, e a presença de forasteiros deve ter o consentimento informado de suas populações.
- O desenvolvimento insustentável deve ser evitado e alternativas econômicas devem ser oferecidas em seu lugar.
- As populações indígenas isoladas não devem ser contatadas, a menos que elas mesmas tomem a iniciativa.
- As línguas, culturas, religiões e outros aspectos da vida indígena devem ser respeitados pela sociedade em geral. Isso requer currículos educacionais adequados, campanhas de conscientização e a substituição de estereótipos e mitos por informações confiáveis. Somente um público informado sobre a diversidade e suas vantagens está em posição de valorizar, defender e ajudar a preservá-la.

### 12.14 Agradecimentos

Os autores são muito gratos a Doris Fágua e Gustavo Solís por seus valiosos comentários e a Alícia Rolla por ajudar a criar o mapa de línguas. Agradecemos também à coordenadora do WG4 Simone Athayde por sua orientação e seus esforços em prol deste capítulo.

### 12.15 Referências

- Aikhenvald AY. 2012. Languages of the Amazon. Oxford: Oxford University Press.
- Aikhenvald AY. 2002. Language contact in Amazonia. Oxford: Oxford University Press.
- Bakker P. 2020. Advances in Proto-Basque reconstruction with evidence for the Proto-Indo-European-Euskarian hypothesis. *Fontes Lingvae Vascon Stud Doc* **52**: 563–94.
- Beier C, Michael L, and Sherzer J. 2002. Discourse forms and processes in indigenous lowland South America: an areal-typological perspective. *Annu Rev Anthropol* **31**: 121–45.
- Berlin B. 2014 [1992]. Ethnobiological classification. Princeton: Princeton University Press.
- Brenzinger M. 2007. Language endangerment throughout the world. In: Brenzinger M (Ed). Language diversity endangered. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Cámara-Leret R and Bascompte J. 2021. Language extinction triggers the loss of unique medicinal knowledge. *P Natl Acad Sci USA* **118**(24): e2103683118.
- Campbell L. 2017. On how and why languages become endangered: reply to Mufwene. *Language* **93**: e224–e233.
- Campbell L. 1998. Historical linguistics: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Campbell L (Ed). 2018. Language isolates. Oxon: Routledge.
- Campbell L and Grondona V (Eds). 2012. The Indigenous languages of South America: a comprehensive guide. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Colegio de Etnólogos y Antropólogos Sociales AC (CEAS). 1979. Dominación ideológica y ciencia social: el I.L.V. en México. Declaración José C. Mariátegui. México: Nueva Lectura.
- Crevels M. 2012. Language endangerment in South America: the clock is ticking. In: Campbell L and Grondona V (Eds). The Indigenous Languages of South America. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Dixon RMW and Aikhenvald AY (Eds). 1999. The Amazonian languages. Cambridge: Cambridge University Press.
- Eberhard DM, Simons GF, and Fennig CD (Eds). 2021. Ethnologue: languages of the world. (Twenty-fourth edition.) Dallas, Texas: SIL International. <http://www.ethnologue.com>. Viewed 15 Sep 2021.
- Epps P. 2005. Language endangerment in Amazonia: the role of missionaries. In: Wohlgemuth J and Dirksmeyer T (Eds). Bedrohte Vielfalt: aspekte des Sprach(en)tods / aspects of language death. Berlin: Weißensee Verlag.
- Epps P and Michael L (Eds). In preparation. Amazonian languages: an international handbook. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Epps P and Michael L. 2017. The areal linguistics of Amazonia. In: Hickey R (Ed). The Cambridge handbook of areal linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- Epps P and Stenzel K (Eds). 2013. Upper Rio Negro: cultural and linguistic interaction in Northwestern Amazonia. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, Museu Nacional.
- Evans N. 2010. Dying words: endangered languages and what they have to tell us. Chichester: Wiley-Blackwell.
- Ferreira J-A and Alleyne MC. 2007. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In: Huber M and Vellupilai V (Eds). Synchronic and diachronic perspectives on contact languages. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Galucio AV, Meira S, Birchall J, et al. 2015. Genealogical relations and lexical distances within the Tupian linguistic family. *Bol Mus Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* **10**(2): 229–74.
- Galucio AV, Moore D, and Voort H van der. 2018. O patrimônio linguístico no Brasil: novas perspectivas e abordagens no planejamento e gestão de uma política da diversidade linguística. *Rev Patrim Hist Art Nac* **38**: 194–219.



- Gippert J, Himmelmann NP, and Mosel U (Eds). 2006. Essentials of language documentation. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- Gow P. 2000. Helpless: the affective preconditions of Piro social life. In: Overing J and Passes A (Eds). The anthropology of love and anger: aesthetics of conviviality in native Amazonia. London: Routledge.
- Hale K, Krauss M, Watahomigie LJ, *et al.* 1992. Endangered languages. *Language* **68**(1): 1-42.
- Hammarström H, Castermans T, Forkel R, *et al.* 2018. Simultaneous visualization of language endangerment and language description. *Lang Doc & Cons* **12**: 359-92
- Hammarström H, Forkel R, Haspelmath M, *et al.* 2021. Glottolog 4.4. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. <http://glottolog.org>. Viewed 15 Sep 2021.
- Hemming, J. 2003. Die if you must: Brazilian Indians in the twentieth century. London: Macmillan.
- Hickey R (Ed). 2017. The Cambridge handbook of areal linguistics. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hildebrandt KA and Hu S. 2017. Documenting variation in endangered languages. Honolulu: University of Hawai'i Press.
- Hoff B. 1994. Island Carib, an Arawakan language which incorporated a lexical register of Cariban origin, used to address men. In: Bakker P and Mous M (Eds). Mixed languages: 15 case studies in language intertwining. Amsterdam: IFOTT.
- IACHR Inter-American Commission on Human Rights. 2013. Pueblos indígenas en aislamiento voluntario y contacto inicial en las Américas: recomendaciones para el pleno respeto a sus derechos humanos. IWGIA, Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas.
- Krauss M. 2007. Classification and terminology for degrees of language endangerment. In: Brenzinger M (Ed). Language diversity endangered. New York: De Gruyter Mouton.
- Lee NH and Van Way JR. 2018. The language endangerment index. In: Campbell L and Belew A (Eds). Cataloguing the world's endangered languages. London / New York: Routledge.
- Lewis MP and Simons GF. 2010. Assessing endangerment: expanding Fishman's GIDS. *Rev Roum Linguist*, **55**(2): 103-20.
- Loebens GF and Oliveira Neves LJ. 2011. Povos indígenas isolados na Amazônia: a luta pela sobrevivência. Manaus: EDUA / CIMI.
- Long KT. 2019. God in the rainforest: a tale of martyrdom and redemption in Amazonian Ecuador. New York: Oxford University Press.
- Matras Y, McMahon A, and Vincent N. 2006. Linguistic areas: convergence in historical and typological perspective. Basingstoke / New York: Palgrave MacMillan.
- Moore D. 2007. Endangered languages of lowland tropical South America. In: Brenzinger M (Ed). Language diversity endangered. Berlin: De Gruyter Mouton.
- Moseley C. 2009. Each language is a unique world of thought. Interview by Iglesias Kuntz L. *Unesco Courier*.
- Moseley C. 2010. Atlas of the world's languages in danger. Paris: Unesco. <http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>. Viewed 15 Sep 2021.
- Moseley C. 2012. The UNESCO Atlas of the world's languages in danger: context and process. <http://www.dspace.cam.ac.uk/handle/1810/243434>. Viewed 15 Sep 2021.
- Muysken P (Ed). 2008. From linguistic areas to areal linguistics. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.
- Nimuendajú C. 1950. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés: Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre, 1927. *J Soc Americanistas* **39**: 125-82.
- Nuckolls J. 1996. Sounds like life: sound-symbolic grammar, performance, and cognition in Pastaza Quechua. Oxford: Oxford University Press.
- Nuckolls J and Swanson T. 2018. Respectable uncertainty and pathetic truth in Amazonian Quichua-speaking culture. In: Proust J and Fortier M (Eds). Metacognitive diversity: an interdisciplinary approach. Oxford: Oxford University Press.
- Nuckolls J and Swanson T. 2020. Amazonian Quichua language and life: introduction to grammar, ecology and discourse. Lanham, MD: Lexington Books.
- Peña Montenegro A de la. 1968. Itinerario para parochos de indios. Joseph Fernandez de Buendía. Madrid.
- RAISG. 2020. Amazonian Network of Georeferenced Socio-Environmental Information. <https://www.amazoniasocioambiental.org/en/>. Viewed 15 Sep 2021.
- Recio B. 1947 [1773] Compendiosa relación de la cristiandad de Quito. Consejo Superior de Investigaciones Científicas Instituto Santo Toribio de Mogrovejo.
- Ricardo F and Gongora MF. 2019. Cercos e resistências: povos indígenas isolados na Amazônia brasileira. São Paulo: Instituto Socioambiental.
- Rodrigues A Dall'Igna. 1993. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Ciência Hoje* **16**(95): 20-6
- Seifart F and Hammarström H. 2018. Language isolates in South America. In: Campbell, L (Ed). Language isolates. Oxon: Routledge.
- Seyfeddinipur M, Ameka F, Bolton L, *et al.* 2019. Public access to research data in language documentation: challenges and possible strategies. *Lang Doc & Cons* **13**: 545-63.
- Swanson T and Reddekop J. 2017. Looking like the land: beauty and aesthetics in Amazonian Quichua philosophy and practice. *J Am Acad Relig* **85**(3), 682-708.
- Thomason SG. 2001. Language contact: an introduction. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Troncarelli MC and Viveiros de Castro E. 2021 [2003]. Yawalapiti. In: Pantaleoni FR (Ed). Povos Indígenas no Brasil. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA). <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti>. Viewed 15 Sep 2021.
- UNESCO. 2003. Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas. In: Reunión Internacional de Expertos sobre el programa de la UNESCO "Salvaguardia de las lenguas en peligro." [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183699\\_spa](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183699_spa), Viewed 15 Sep 2021.
- Venticinque E, Forsberg B, Barthem R, *et al.* 2016. An explicit GIS-based river basin framework for aquatic ecosystem

conservation in the Amazon. [https://knb.ecoinformatics.org/view/doi%3A10.5063%2FF1BG2KX8#snapp\\_computing.6.1](https://knb.ecoinformatics.org/view/doi%3A10.5063%2FF1BG2KX8#snapp_computing.6.1). Viewed 15 Sep 2021.

Winford D. 2003. An introduction to contact linguistics. Malden: Blackwell.

Woodbury AC. 2003. Defining documentary linguistics. In: Austin PK (Ed). Language documentation and description, vol. I. London: School of Oriental and African Studies..

Wurm SA. 2001 [1996]. Atlas of the world's languages in danger of disappearing. Paris: UNESCO Publishing.

INFORMAÇÕES DE CONTATO

**SPA Technical-Scientific Secretariat New York**

**475 Riverside Drive, Suite 530**

**New York NY 10115**

**USA**

**+1 (212) 870-3920**

**spa@unsdsn.org**

**SPA Technical-Scientific Secretariat South America**

**Av. Ironman Victor Garrido, 623**

**São José dos Campos – São Paulo**

**Brazil**

**spasouthamerica@unsdsn.org**

WEBSITE [theamazonwewant.org](http://theamazonwewant.org)

INSTAGRAM [@theamazonwewant](https://www.instagram.com/theamazonwewant)

TWITTER [@theamazonwewant](https://twitter.com/theamazonwewant)